

ONCOCLÍNICAS

CC JOURNAL

PELE

Publicação médico-científica da Oncoclínicas

Edição Especial - Pele - 8º Simpósio Internacional



8º SIMPÓSIO INTERNACIONAL

NOVAS ABORDAGENS TERAPÊUTICAS
PARA CÂNCER DE PELE MAIS AGRESSIVO

COMISSÃO CIENTÍFICA



Bruno Ferrari
*Fundador e Presidente do Conselho de
Administração do Grupo Oncoclínicas*



Carlos Gil
Presidente do Instituto Oncoclínicas



Sérgio Azevedo
*Coordenador Científico do
8º Simpósio Internacional Oncoclínicas*



Paula Ugalde
*Coordenadora Cirúrgica do
8º Simpósio Internacional Oncoclínicas*

COLABOROU NESTA EDIÇÃO



Rodrigo Pereira
Oncologista Clínico
Oncoclínicas RS

ÁREA: TERAPIA-ALVO E IMUNOTERAPIA

NOVAS ABORDAGENS TERAPÊUTICAS PARA CÂNCER DE PELE MAIS AGRESSIVO

No melanoma grau III, os últimos cinco anos foram de intensa incorporação de novas opções de tratamento, incluindo terapia-alvo e imunoterapia.

Os avanços recentes nas alternativas terapêuticas para pacientes com câncer de pele mais agressivo, como o melanoma cutâneo estágio III ou o melanoma metastático com BRAF mutado, foram destaque no painel de pele do 8º Simpósio Internacional Oncoclínicas, realizado neste ano de forma virtual. No centro do debate tivemos a imunoterapia e a terapia-alvo, que nos últimos anos vêm sendo incorporadas como alternativa de tratamento para tumores de pele agressivos.

O coordenador do módulo de câncer de pele, Rodrigo Perez Pereira, oncologista clínico da Oncoclínica RS, destaca um período recente de muitos avanços na área, com significativa melhora no prognóstico dos pacientes. “Foram pelo menos quatro ou cinco anos de aprovações importantes no tratamento de pacientes com

melanoma estágio III, incluindo imunoterapia e terapia-alvo”, comenta Pereira, acrescentando que, desde 2015, pelo menos três importantes opções de tratamento foram incorporadas à prática clínica – duas em imunoterapia e uma em terapia-alvo. Dois imunoterápicos utilizados nesse tipo de câncer de pele, o nivolumabe e o pembrolizumabe, foram incorporados em setembro deste ano pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para o tratamento do melanoma em estágio avançado não cirúrgico e metastático.

O que ainda segue indefinido – e foi alvo do debate entre os oncologistas que participaram do simpósio – é qual o momento ideal para a utilização desses tratamentos. “Até agora, a recomendação é que eles sejam feitos depois da cirurgia, mas a possibilidade de antecipar o uso em um cenário neoadjuvante, antes de

uma cirurgia definitiva, está em aberto”, explica Pereira, acrescentando que alguns dados sugerem que a abordagem pré-cirúrgica poderia reduzir o tempo de tratamento e os efeitos adversos. Há pelo menos dois estudos que apontam para essa tendência, o OpACIN e o OpACIN-neo. “Acredito que em um ou dois anos saberemos qual é a melhor alternativa.”

Em outra sessão do painel sobre câncer de pele, discutiu-se sobre a melhor opção para o início do tratamento em pacientes com melanoma metastático BRAF mutado. O dilema, ainda sem resposta, é sobre se é preferível iniciar com imunoterapia ou com terapia-alvo. “É um longo debate, que ainda não chegou ao seu final. Na minha prática clínica, avalio caso a caso os dados clínicos do paciente para decidir. Não tenho uma resposta pronta”, afirma Pereira.

Um dos novos estudos que buscam melhores opções de tratamento para esses pacientes é o COMBI-i, cujos resultados foram apresentados na ESMO virtual deste ano. Ele combinou imunoterapia com terapia-alvo em pacientes com melanoma avançado e com mutações do gene BRAF. Foram randomizados 532 pacientes submetidos a uma combinação de

espartalizumabe com dabrafenibe e trametinibe, no braço intervenção, e um esquema com placebo associado a dabrafenibe e trametinibe no braço controle. O estudo, infelizmente, não atingiu seu desfecho primário, falhando em demonstrar ganho em sobrevida livre de progressão. “A melhor combinação entre as drogas para tratar esse tipo de câncer ainda vai ser alvo de muito debate. Não é um assunto encerrado”, conclui Pereira.

EXPEDIENTE

Publisher
Simone Simon

Editora e jornalista responsável
Daniela Barros (Mtb-SP: 39.311)

Curadoria
Senso Comunicação - Moura Leite Netto

Reportagens
Jiane Carvalho
Mariana Lenharo

Marketing Médico Oncoclínicas
Anna Carolina G. Cardim Azevedo
Débora Castro Giraldi
Renata Canuta Tenório

Arte e diagramação
Paulo Henrique Azevedo Stabelino

Mídias digitais
Ana Florípes Mendonça

Revisão
Patrícia Cueva

O 8º SIMPÓSIO INTERNACIONAL ONCOCLÍNICAS ACONTECEU INTEGRALMENTE EM FORMATO VIRTUAL

A pandemia não foi um fator limitador para esse evento. Ao contrário, o investimento em inovações e na programação científica, com a inclusão de cirurgias conduzidas ao vivo, o tornou ainda mais distinto.

O simpósio internacional anual do Grupo Oncoclínicas, em parceria com o Dana-Farber Cancer Institute, já se tornou uma tradição. Segundo Carlos Gil, presidente do Instituto Oncoclínicas e diretor científico do Grupo Oncoclínicas do Brasil, “o simpósio anual é o momento máximo do instituto”.

Durante sete anos, médicos de todo o país e dos Estados Unidos se reuniram presencialmente em um encontro que promove um amplo intercâmbio de experiências e aprendizado. No entanto, em 2020, momento em que a pandemia imposta pelo novo coronavírus trouxe tantos desafios e mudanças, o Grupo Oncoclínicas também precisou se adequar. Além dos novos protocolos adotados pelos seus centros em todas as cidades em que atua (“O Grupo teve uma resposta fantástica diante da pandemia, superior à dos hospitais de Boston, cidade em que atuo”, afirma Otto Metzger, oncologista clínico brasileiro que integra a equipe do Dana-

Farber), o simpósio também passou para um formato totalmente virtual.

Assim como nas edições anteriores, a programação do 8º Simpósio Internacional Oncoclínicas contou com diversos painéis temáticos para debater os últimos avanços da pesquisa clínica em oncologia. De acordo com o coordenador científico, Sérgio Azevedo, os principais objetivos desse encontro incluem os cuidados ao paciente como centro de toda atenção, educação médica e não médica continuada, relacionamento interprofissional e multidisciplinar e tecnologias da oncologia subespecializada e de precisão. “Dividimos o simpósio em 13 módulos simultâneos, representando as áreas do subprojeto de especialização do Grupo Oncoclínicas.”

Para o CEO do Grupo Oncoclínicas, Luis Natel, o 8º simpósio significa mais do que compartilhar conhecimento: “Para nós, a realização desse

encontro significa a síntese dos grandes aprendizados do ano de 2020". E todo esse esforço valeu a pena, pois dele participaram mais de 5 mil pessoas de todo o país.

Ao todo foram 250 palestrantes (20 internacionais), responsáveis por ministrar as mais de 200 aulas. "Neste ano, em que completamos também dez anos do Grupo Oncoclínicas, abordamos no simpósio aquilo que fazemos diariamente em nossas clínicas, que são as melhores práticas, tecnologias, atendimento e atenção ao paciente oncológico", diz Bruno Ferrari, fundador e presidente do conselho de administração do Grupo Oncoclínicas. Ele destaca também os temas envolvendo genômica e medicina de precisão, áreas que passaram por grande desenvolvimento nos dois últimos anos no Grupo.

Segundo Rodrigo Dienstmann, diretor médico do OC Precision Medicine, a medicina de precisão só tem sentido quando é um projeto de ponta a ponta: "A inovação deve estar presente dentro da linha de cuidado e da assistência oncológica para que o impacto seja o maior possível". Ele explica que a medicina de precisão funciona como uma lente de aumento que possibilita ao médico enxergar as peculiaridades da doença, como por meio das tecnologias de sequenciamento, que identificam as alterações

moleculares específicas do tumor. "A partir do momento em que essas alterações são detectadas, precisamos saber qual caminho seguir. Por isso a importância de incluirmos esse tema em um evento como esse, para refletirmos com os colegas sobre como chegar à melhor tomada de decisão", afirma Dienstmann.

Outra novidade deste ano foi a inclusão de seis cirurgias, realizadas ao vivo. Clínicos e cirurgiões tiveram a oportunidade de debater os procedimentos no cenário neoadjuvante, adjuvante e as combinações de terapias e cirurgias, inclusive a robótica. "A inclusão de grupos cirúrgicos representa um dos mais recentes avanços do conceito de medicina compartilhada", comenta Azevedo. Paula Ugalde, cirurgiã torácica e líder da cirurgia do Grupo Oncoclínicas, explicou que o foco da programação cirúrgica foi a importância do tratamento multidisciplinar do câncer, com ênfase no que há atualmente em termos de tecnologia e inovação. "Um exemplo das cirurgias conduzidas ao vivo foi a nefrectomia parcial robótica, uma técnica bastante recente e ainda realizada em poucos centros", diz.

Qualidade e excelência do atendimento sempre foram premissas do Grupo Oncoclínicas. Por isso, seu crescimento aconteceu reforçando

esse pilar e adicionando a sustentabilidade. A parceria com o Goldman Sachs Group, que se tornou sócio-controlador no ano de 2015, permitiu uma série de investimentos, que hoje se refletem no número de pacientes atendidos e nos significativos índices de sobrevida.

De acordo com David Castelblanco, responsável pela Divisão de Merchant Banking do Goldman Sachs Group, Inc. para a América Latina, um dos principais objetivos do Grupo Oncoclínicas é oferecer no Brasil o mesmo nível de atendimento que ocorre nos Estados Unidos: “Temos um Tumor Board composto pelos especialistas brasileiros e pelos americanos do Dana-Farber. Nele são discutidos os casos mais desafiadores. As condutas propostas são as mesmas utilizadas nos EUA, ofertando aos pacientes do Brasil o que há de mais moderno em terapias e condutas adotadas nos principais centros do mundo”.

Outra área que está sendo ampliada é a de radioterapia. Castelblanco contou que até o fim de 2020 o Grupo, que iniciou em 2010 com uma proposta integralmente clínica, terá 18 aparelhos de radioterapia de última geração. “Temos na equipe 35 rádio-oncologistas e 30 físicos médicos”, complementa.

Há cinco anos o Grupo atendia, anualmente, cerca de 30 mil pacientes. Hoje, são mais de 160 mil, acompanhados pelos 900 médicos nas 71 clínicas credenciadas.

Eric Winer, diretor de desenvolvimento clínico do Dana-Farber Cancer Institute, afirma que a parceria deles com o Grupo Oncoclínicas é muito importante. “O trabalho que fazemos não é limitado aos médicos. Temos também programas de treinamento para a equipe multidisciplinar, que inclui farmacêuticos e enfermeiros, com foco na qualidade do atendimento e na segurança do paciente”, relata.

Todos os avanços existentes na área da genômica permitem maior precisão em relação às anormalidades que impulsionam o crescimento tumoral. A individualização do tratamento, baseada no perfil molecular de cada paciente, oferece indícios do que esperar para o futuro da oncologia. “É por isso que nós, oncologistas, devemos nos atualizar sempre e cada vez mais. Não estamos simplesmente lidando com um câncer como o de mama, mas sim com um câncer de mama que abriga uma anormalidade bastante específica. Parcerias como essa entre o Grupo Oncoclínicas e o Dana-Farber em prol da educação são essenciais nesse cenário”, finaliza Winer.

 JOURNAL

INSTITUTO
 ONCOCLINICAS

TENHA ACESSO A TODAS AS EDIÇÕES DO OC JOURNAL,
ENTREVISTAS, BANCO DE AULAS DO SIMPÓSIO E A
MUITOS OUTROS CONTEÚDOS CIENTÍFICOS:

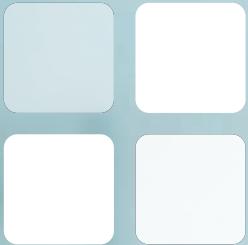


www.grupooncoclínicas.com/ocjournal



www.simpósiooc.com.br

**Acesse também por meio do QR Code.*





Realização:



Patrocínio:



SÃO PAULO

Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 510

2º andar - Itaim Bibi - São Paulo - SP

CEP: 04543-906 - Tel.: 11 2678-7474